

LIBERDADE DE PENSAMENTO NA POÉTICA: O NÃO DAS LATINO- AMERICANAS

FREEDOM OF THOUGHT IN POETICS: THE 'NO' STATED BY LATIN AMERICAN WOMEN

RESUMO

Nosso objetivo é falar sobre a luta de Juana de Asbaje no século XVII para fazer valer seu direito de pensar o livre arbítrio e estudar. Para atingir nosso objetivo partimos dos seguintes questionamentos: quem foi Sórora Juana Inês de La Cruz? Como se deu a construção de sua identidade? É possível provar que Sórora Juana Inês lança mão da poética para expressar sua liberdade de pensamento? Apoiamos esta discussão nos estudos realizados sobre a recepção crítica existente sobre Sórora Juana, sua vida e sua obra escritos por Campoamor (1983), Buxó (2006) e Paz (1992), Cruz (2000) sua auto ficção *Respuesta a Sor Filotea de La Cruz*, a recepção crítica escrita sobre Sórora Juana, vida e obras escrita por Alatorre(2007) e a contribuição de Butler (2016). Os resultados obtidos apontam para uma mulher que desconstruiu sua identidade e teve que lançar mão de muitos disfarces para poder dizer NÃO.

Palavras-chave: Sórora Juana Inês de La Cruz. Feminismo. Poética. América Latina.

ABSTRACT

Our goal is to talk about the struggle of Juana de Asbaje in the seventeenth century to assert her will to think, her free will and to study. In order to achieve our purpose, we present the following questions: Who was Sor Juana Ines de La Cruz? How was the construction of her identity? Is it possible to prove that Sor Juana uses poetics to express her freedom of thought? We support this discussion by the Critical Reception work on Sor Juana's writing and life published by Campoamor (1983), Buxó (2006) and Paz (1992), Cruz (2000). In case of her self-fiction *Response to Sor. Filotea de La Cruz* we take the Critical Reception about Sor Juana, life and works written by Alatorre (2007) and the contributions of Butler (2016). The results obtained point to a woman who built her own identity and had to learn how to become able to say NO.

Keywords: Sor Juana Inés de La Cruz. Feminism. Poetics. Latin America.

Margareth T. A. Costa

Universidade Estadual do Piauí / Universidade Federal do Piauí (UESPI/UFPI).

E-mail: margazinha2004@yahoo.com.br

Os primeiros passos: Panoyan - berço de Soror Juana Inês de La Cruz

As informações sobre a situação familiar na qual nasceu sóror Juana, com relação a status matrimonial, segundo os autores citados em nossas referências, são que era filha ilegítima de mãe *criolla*- Isabel Ramírez de Santillana e Pedro Manuel de Asuaje e nasceu em Panoyan de Sor Juana Inés de La Cruz, no entanto ao professar, firmou-se como filha legítima para não ter problemas com as autoridades conventuais, uma vez que mulheres de nascimento natural não eram admitidas no claustro como religiosas professoras. A informação sobre sua condição de filha natural é fornecida por Octavio Paz (1992: 96-97).

Alberto G. Salceda y Guillermo Ramírez España encontraron una fe de bautismo en la parroquia de Chimalhuacan, a cuya jurisdicción pertenecía Neplanta. En ella se asienta que el 2 de diciembre de 1648 fue bautizada una niña. “Inés, hija de la Iglesia; fueron sus padrinos Miguel Ramírez y Beatriz Ramírez”.[...] Es casi seguro que la Inés del acta de 1648 sea nuestra Juana Inés. Así, era tres años mayor de lo que dice su biógrafo y era hija natural, que eso quiere decir ser “hija de la Iglesia”.

O interesse pela vida intelectual de nossa Juana Inês teve início, conforme ela mesma nos conta em sua *Respuesta*, quando acompanhou sua irmã mais velha a uma das amigas, que é como se chamavam as instituições que ensinavam as meninas a ler em Nova Espanha. A partir daí o desejo de aprender e conhecer mais e mais a fez solicitar a sua mãe que a vestisse de homem para poder frequentar escolas e universidades. Fica já explícito, que o mundo do conhecimento, escolas e universidades era vedado às mulheres. Seguindo sua trajetória educacional, infere-se que, à exceção de pouquíssimos professores, Sóror Juana foi autodidata e ela nos dá a conhecer sua ânsia pelo conhecimento, que era disciplinada na busca pelo saber e, considerando a pouca idade, dedicou-se à leitura de todos os livros que lhe caíam nas mãos, principalmente quando foi viver na casa de seu avô materno. Ali ela encontra o espaço da biblioteca. Aliás, a casa de seu avô materno foi um dos poucos lugares em que se sentiu verdadeiramente em casa, pois lá havia o carinho e compreensão do avô e a biblioteca. Estes espaços representaram muito na vida de Sor Juana.

Existem pequenos espaços, como por exemplo o da casa no lugar onde se nasce, que são considerados espaços felizes, porque trazem uma intimidade. Estas pequenas ilhas de tranquilidade são procuradas por todo ser humano. Em sua vida Sor Juana tenta construir um lugar para si, um lugar onde se sentisse tranquila e segura, um canto para estudar e produzir. Assim, este espaço torna-se um abrigo buscado pela monja, um refúgio onde se sentisse segura e tranquila.

Então Sor Juana faz desta uma de suas metas, encontrar um espaço definitivo para viver e estudar em paz. Sair em busca deste espaço que desejamos pode acarretar desgastes, solidão, ilusão e violência. Pois não há lugar fixo, assim o sujeito cruza com o

limite imposto pelo centro. O espaço físico é local que a pessoa ocupa, ou seja, a superfície; o *espaço social* é a relação do ser humano com o *espaço físico*. Dessa forma, o *espaço físico apropriado* é a ligação determinada das pessoas no espaço estipulado para elas.

A corte vice real

No ano de 1664, aos 16 anos de idade, Juana Inés de Asbaje y Santillana viajaria para o Centro do Vice Reinado de Nova Espanha e continuaria seus estudos de forma privada. Foi aceita na Corte Vice real sob a tutela da Vice rainha Leonor Carreto, esposa do Vice Rei Antonio Sebastián de Toledo.

A entrada de sóror Juana na corte lhe possibilita o acesso a um mundo de tertúlias onde os estudiosos e literatos discutiam sobre o que tinha de mais recente em matéria de livros, as novidades do momento, faziam-se discussões e debates sobre temas relacionados à filosofia, teologia, letras, artes e música. Nesse ambiente mágico, sóror Juana se via como em um sonho, tinha possibilidade de estudar, ouvir outros estudiosos, trocar ideias, desenvolver sua veia artística sem repreensões e castigos e, de quebra, ser admirada pelo conhecimento precocemente acumulado.

Para ter a oportunidade de adentrar e participar da vida intelectual e do ambiente cortesão era necessário ser apadrinhado. Sóror Juana foi protegida por quatro vice-reis: o Marquês de Mancera, frei Payo de Rivera, o marquês de La Laguna e o conde de Galve. O período na corte foi decisivo na vida intelectual e nas escolhas que fez sóror Juana porque este ambiente, como foi referido anteriormente, favoreceu o acesso a tertúlias com grandes estudiosos, artistas e nobres e possibilitou o conhecimento com aquele que seria também o responsável por sua entrada no claustro: o Padre Antonio Nuñez de Miranda, que viria a ser seu confessor espiritual. Este padre era uma figura de grande prestígio e influência; era professor de Teologia, reitor do Colégio de São Pedro e São Paulo, predicador de fama, homem de grande poder de influência entre os magnatas, conselheiro incansável de monjas e qualificador do Santo Ofício. Segundo Paz (1992: 552) “Este cargo consistia em examinar, censurar y, en su caso, condenar los libros y proposiciones sometidos a la autoridad de la Inquisición. Los calificadores eran los guardianes de la ortodoxia.”

Sóror Juana Inés viveu um bom tempo na corte e durante este período, através de seu espírito alegre, inteligência, discrição e muito tato, conquistou aos vice-reis que teriam a partir daí muita importância em sua vida política e social.

Sóror Juana mergulha no universo do conhecimento de cabeça e alarga todas as possibilidades em busca de seu objeto do desejo. Já adolescente, foi viver no povoado de Amecameca com uma tia materna (com a família Mata Ramírez), cuja inteligência excepcional e beleza extrema fizeram com que temerosos que o futuro de sóror Juana fosse perigoso. Quando contava com treze anos de idade (em 1664), foi introduzida na corte dos vice-reis, marqueses de Mancera, como nos explica Calleja (ALATORRE, 2007: 241);

Luego que conocieron sus parientes el riesgo que podía correr de desgraciada por discreta y, con desgracia no menor, de perseguida por hermosa, aseguraron ambos extremos de una vez y la introdujeron en el palacio del Excelentísimo señor Marqués de Mancera, Virrey que era entonces de México, donde entraba con título de muy querida de la señora Virreina.

Conforme dissemos anteriormente, nossa Juana Inês foi protegida por muito tempo pela corte que também foi mecenas de sua obra literária. Esta proteção durou até o ano de 1664, quando ela contava então dezessete anos, contando já com a admiração de nobres e escritores e, segundo ela nos revela em sua *Respuesta*: “de manera que cuando vine a Méjico, se admiraban, no tanto del ingenio, quanto de la memoria y noticias que tenía en edad que parecía que apenas había tenido tiempo para aprender a hablar”.

Quando estava na corte, seu protetor, o Vice-Rei, Marquês de Mancera, querendo saber até onde ia a sabedoria de Juana Inês, convoca à Corte mais de quarenta convidados reconhecidos por seu notório saber para que testassem a Juana Inês. Enquanto durava o interrogatório, que ocorreu na presença de toda a corte, a admiração foi tamanha que o Vice-Rei expressa seu assombro diante de tantos conhecimentos demonstrados por uma menina tão jovem, conforme nos explica o trecho do padre jesuíta Diego Calleja (In Alatorre, 2007: 242): “a la manera que un Galeón Real – traslado las palabras de su Excelencia – se defendería de unas pocas chalupas que lo embistieran, así se desembarazaba Juana Inés de las preguntas, argumentos y replicas, que tantos, cada uno en su clase, la propusieron”.

No entanto, no século XVII haviam poucas opções para as mulheres, o casamento, o claustro ou a situação de vida na qual muitas mulheres viviam, sem a proteção do casamento, sem a proteção da igreja, uma vida a qual soror Juana conhecia por ter vivenciado a situação de sua mãe e de suas irmãs.

A composição do espaço social é manifestada no espaço físico através de distribuições das pessoas, definindo a posição social e causando a inclusão ou exclusão dos mesmos. O lugar está em ligação com o poder. Desse modo, as pessoas que não tem poder são empurradas para espaço poucos valorizados pela sociedade, ou seja, a margem. O desejo pelo conhecimento, o autodidatismo e aquela ânsia inexplicável para aprender a envolve como uma força criando para isso metas que deveria cumprir a fim de alcançar o conhecimento. Isso direciona Sor Juana a fazer uma opção de vida da qual não teria volta.

A relação de amizade e proteção que gozou na corte lhe permitiu expandir a veia criativa e era frequentemente solicitada para escrever poesias. Uma das vice-rainha foi muito importante para a divulgação das obras poéticas escritas por sóror Juana, uma vez que no século XVII era muito caro e difícil a publicação em vida das obras dos escritores, fossem eles homens ou mulheres. Depois de permanecer por três anos sob a proteção dos marqueses de Mancera, em meados de 1668, sóror Juana decidiu professar e entrou no Convento das Carmelitas Descalças. Porém, como a ordem era

muito rigorosa, sórora Juana mudou para a ordem das Jerônimas. Professar não era uma coisa fácil e a entrada nos conventos não estava ao alcance de todas as mulheres.

No século XVII, as relações entre homens e mulheres eram rigidamente codificadas, tanto no matrimônio como nas demais instituições sociais principalmente no que dizia respeito às mulheres e, à parte essa regulamentação, muitas atividades consideradas masculinas eram interditas ao universo feminino. Confinadas ao espaço doméstico, as mulheres estavam submetidas ao poder masculino, pois a família era o centro da mais severa desigualdade. Esse espaço privado, local de interação entre os sexos, era caracterizado como espaço de privação, isto é, marcado pela ausência de liberdade e de luta pela sobrevivência biológica. As mulheres no século XVII não viviam socialmente, eram destinadas à solidão, melancolia ou subversão. Esta realidade pode ser verificada em Paz (1992: 158) quando ele afirma:

En nuestro siglo más y más mujeres, sin renunciar a la vida amorosa, prefieren no casarse. En el siglo XVII eso era inimaginable: fuera del matrimonio no había sino dos caminos: la vida de las hermanas de Juana Inés (en el mejor de los casos) o el monasterio. Subrayo una vez más que la palabra *matrimonio*, en el siglo XVII, salvo en las comedias, no significaba *amor* sino la vida de las casadas.

51 A melancolia presente na vida de sórora Juana foi uma constante e como única válvula de escape ela podia contar com a companhia de seus livros, sua veia artística. Como todos que se dedicam à atividade criadora necessitam de um espaço calmo, tranquilidade para refletir e poder criar, a decisão de tornar-se freira deve ter sido a única maneira de se fazer livre, o que deve ter desenvolvido nela um sentimento de tristeza e melancolia pela decisão que teve de tomar conforme destaca Paz (1992: 160):

Más de una vez debe haber lamentado estar atada a una resolución irrevocable. Nosotros, los modernos, acostumbrados a cambiar de ocupación y de estado, no podemos darnos cuenta cabal de lo que significa una decisión que nos obliga por toda la vida.

A vida no claustro de São Jerônimo não era tão árdua a ponto de prejudicar a vocação de sórora Juana Inês aos estudos. Com relação à população dos conventos, temos uma realidade de grande comodismo com respeito aos trabalhos domésticos, situação que nos faz compreender no porquê de a monja não aguentar o rigor do convento das Carmelitas, já que lá não se podia levar a criadagem e o trabalho doméstico dentro e fora dos muros do convento de São Jerônimo era realizado pelas criadas das monjas. Este fato revelador está patente na fala de Paz (1992: 168):

La población de los conventos estaba compuesta por las monjas, su servidumbre (criadas y esclavas), que su familia internaba, a veces por toda la vida; las “donadas” eran mujeres que, sin profesar,

habían resultado recogerse en el sagrado de sus muros. Las monjas llevaban al convento a sus criadas y esclavas. La proporción entre unas y otras es reveladora: había tres criadas por cada monja: [...] Las celdas eran individuales y en ocasiones tan grandes que dentro de ellas podía albergarse holgadamente una familia entera. [...] Las celdas tenían baño, cocina y una estancia, además de la habitación para dormir. [...] En realidad, los conventos eran pequeñas ciudades y las celdas eran apartamentos o, incluso, casitas construidas en los vastos patios. Cada una de las grandes celdas albergaba a una religiosa, a la niña o niñas confiadas a su cuidado, las criadas de su servicio y las favorecidas.

Assim, o comportamento social é na verdade determinado por aquilo que os antropólogos e sociólogos chamam de orientações de valor. Ditas orientações, são concepções estruturadas e generalizadas, explícitas ou implícitas, modeladoras do comportamento, a respeito do lugar do homem no mundo e da relação do homem com o homem que giram em torno de fins legítimos que orientam a ação social em cada época e lugar, apoiadas por uma ideologia que desde cedo é arraigada na mente das pessoas que a compõe.

A vida das mulheres na colônia do século XVII estava determinada por seu sexo, por sua etnia e por sua classe dentro do marco da cultura hispânica dominante, com valores, práticas sociais e religiosas onde quem tinha poder de mando era o homem, uma sociedade racista e de casta, que vivia sob o controle e a repressão das instituições impostas à colônia pela coroa. Ainda que todas compartilhassem a opressão de gênero, na América Latina colonial foi distinta a posição social e o trabalho de mulheres brancas da elite, comparando com o realizado pelas indígenas, negras, mestiças e mulatas. Nesse ambiente, voltamos a dizer que o estudo das Letras e o direito à palavra falada e escrita era prerrogativa dos homens.

Uma forma de resistência das mulheres à ordem hierárquica colonial, na qual o patriarcado familiar e a sujeição das mulheres potenciavam o controle social, foi a luta pela participação na educação e no saber. Nessa época, preferia-se que as meninas fossem ignorantes, que não soubessem ler e escrever, para que não pudessem comunicar-se com os homens e, em todo caso, as que conseguiam aprender a leitura e a escrita só era permitido ler livros de devoção. A educação das meninas se limitava à aprendizagem das tarefas domésticas.

O matrimônio da família patriarcal branca (e em parte mestiça) não outorgava quase nenhuma compensação à mulher, a qual nem sequer podia escolher seu marido. Os matrimônios acordados pelos pais e garantidos pelos dotes não se relacionavam com o amor, senão com a conveniência. Algumas mulheres, como Sórora Juana Inés de la Cruz, viam o convento como uma maneira de escapar do jugo matrimonial.

Os conventos eram espaços da subcultura feminina e se dividiam em dois tipos: pequenos e austeros e grandes com comodidades. Neles se desenvolveu a resistência cultural das mulheres em forma de literatura conventual. Foram monjas escritoras, além de Sórora Juana: Clarinda e Amarilis (pseudónimos no Perú), Sórora Francisca

Josefa de Castillo (Colômbia), Madre María de San Joseph, María de Jesús Tomelín, Sórora María Petra de Trinidad, Sórora Sebastiana Josefa de la Santísima Trinidad (México), Sórora Úrsula Suarez (Chile).

Sor Juana Inés de La Cruz lança mão de muitos disfarces para poder construir sua identidade como mulher, poetisa, intelectual e monja. O mundo das letras e da cultura era um mundo masculino e para entrar neste mundo sórora Juana teve de usar de todos os recursos que estavam e que não estavam a seu alcance. Assim, concordamos com Butler (2016: 97-99) quando ela afirma:

[...]o medo da retaliação como **consequência** da fantasia da mulher de tomar o lugar do homem, mais precisamente, do pai (...) Uma interpretação possível é que a mulher na mascarada deseja a mascarada para entrar no discurso público com homens e, como homem, como parte de uma troca masculina homoerótica .

Compreendendo a importância da palavra e as relações *eu X outro*, talvez determinadas atitudes e comportamentos sejam denominados de loucura, porque na época em que viveu, Sórora Juana Inés tinha que adaptar-se à realidade social imposta e construir um imaginário condigno de sua situação inferior de mulher, numa época em que tudo se explicava pela fé e a obediência cega aos detentores do poder, seja em casa, na igreja, nas instituições comandadas pelos homens. E como ficava a sexualidade das mulheres? Que lugar era dado ao erotismo? No século XVII tudo era tabu, as mulheres eram olhadas com desconfiança e tratadas como seres inferiores e qualquer atitude era considerado pecaminosa. Era o tempo negro e o dragão da inquisição era quem tinha sempre a última palavra.

O convento como forma de liberdade de pensamento

Aqui, já podemos ver uma mulher que havia construído sua identidade, através da escolha e do livre arbítrio, já que ela decide não casar, nem mesmo relacionar-se com homens a fim de seguir seu destino de estudiosa, optando pelo conhecimento e assim começa a dizer não.

No século XVII utiliza a literatura para um fim muito importante, que era a evangelização. As formas mais relevantes exploradas pela Santa Igreja para este fim foram a poesia – única leitura permitida pela Igreja às mulheres e o teatro (utilizadas para divulgar a fé cristã mediante obras escritas em linguagem barroca e foi através desta ferramenta que disse não ao silêncio imposto às mulheres).

Sendo uma alma em eterno conflito e constantemente vigiada pelo olhar de uma sociedade onde os valores e ideologia pregavam a desvalorização da mulher em todos os seus aspectos e pelas autoridades eclesiásticas de sua época, escondeu-se

atrás do véu, da máscara das alegorias, fugia em sonhos em busca de seu objeto de desejo (o conhecimento).

O convento, ao mesmo tempo em que lhe permite adentrar no mundo masculino, também impede que este “entrar” dê-se de forma plena. As pirâmides são sepulcros para os corpos mortos dos faraós. Os conventos são prisões para os corpos em vida, só a alma pode tentar escapar, mas mesmo ela está presa por grilhões. Mesmo vivendo em um ambiente onde as monjas eram incentivadas a autoflagelar-se, mortificar-se, o seu amigo intelectual Sigüenza y Gongora, por medo do sentido que suas palavras podiam ser tomadas, dizia que todas estas coisas eram “son cosas muy santas”.

Fama e Síndrome de Faetonte

Sor Juana escreveu muitos poemas filosóficos utilizados para defender os direitos das mulheres ao estudo e também iguala as mulheres aos homens em questões de relacionamentos amorosos. Essa realidade está presente em diversos poemas sendo o mais famoso deles, a redondilha “Hombres Necios”, uma voz feminina solitária contra a discriminação das mulheres pelos homens. Dentre os muitos poemas que escreveu, *El primero Sueño* é a busca de uma mulher-ela mesma- pelo conhecimento.

Duas cartas consideradas perigosas

Sóror Juana conheceu a fama em vida, era muito admirada e visitada por estudiosos no México na época em que viveu. Convenhamos que não era comum ver uma mulher, e não qualquer mulher, uma linda e jovem mulher competir em sabedoria e conhecimento com os intelectuais da época. Essa situação despertava muita admiração por parte da corte que a protegia e dos intelectuais, mas também muita inveja de suas irmãs do Claustro de São Jerônimo.

Nessa época sóror Juana Inés de la Cruz escreveu uma carta que chamou de crítica ao Sermão do Mandato do padre Antonio Vieira. Pouco tempo depois publicou no ano de 1691, a carta intitulada: Respuesta a Sor Filotea de la Cruz, para defender o direito das mulheres ao estudo.

As cartas escritas por sóror Juana Inês de La Cruz tiveram como destinatários primeiros o bispo de Puebla, Manuel Fernández de Santa Cruz, (pelo menos de forma explícita) personagem muito próximo a sóror Juana Inês de La Cruz, com quem tinha relação intelectual através da participação em tertúlias literárias promovidas no claustro por sóror Juana; ao tempo em que a admirava, tentava submetê-la ao jugo de sua autoridade e é em função dessa autoridade que tinha sobre ela que ele lhe dá a missão de escrever uma crítica ao Sermão do Mandato, escrito pelo Padre jesuíta português Antônio Vieira.

O segundo destinatário das cartas, (ou talvez o principal), mesmo que não estivesse tão explícito no texto escrito, é o obsessivo e misógino Francisco Aguiar y Seijas – Arcebispo do México. Ao atacar o padre Vieira, sóror Juana se envolve em uma disputa pelo poder entre os dois homens da Igreja – Aguiar y Seijas e Fernández de Santa Cruz – que anteriormente tinham entrado em disputa pelo cargo de arcebispo do México, quando da saída do Frei Payo Enriques de Rivera, entre 1680 a 1681.

Nessa época deu-se em Madrid um Conselho para eleição do importante posto de Arcebispo do México. Fernández de Santa Cruz era uma das opções contempladas junto com Francisco de Aguiar y Seijas. Este era fiel admirador de Vieira e também pertencia à Companhia de Jesus. Explica Paz:

La Carta Atenagórica es un texto polémico en el que la critica a Vieyra esconde una crítica a Aguiar. Esa crítica la hace una mujer, nueva humillación para Aguiar que odiaba y despreciaba a las mujeres. La Carta es publicada por El obispo de Puebla que así cubre a sor Juana con su autoridad. El obispo escribe un prólogo escondido bajo un pseudónimo femenino, burla y vejamen de Aguiar y Seijas... (PAZ, 1982: .526)

A liberdade, o desejo de poder expressar, o livre arbítrio foi um dos maiores desejos de sóror Juana, como vimos pontuando, mas esse mundo era masculino. Então sóror Juana estudou o campo interdito, usou do véu e da máscara (o claustro) para penetrá-lo, transgrediu, ousou e pagou um preço alto, sua alegria de viver, sua alma, ao morrer por vontade. Sendo uma alma em eterno conflito e constantemente vigiada, pelo olhar de uma sociedade rigorosa e pelas autoridades eclesiásticas de sua época, escondeu-se atrás das alegorias, fugia em sonhos em busca de seu objeto de desejo como se constata neste início de sua poesia “Primeiro sonho”:

Piramidal, funesta, de la tierra
Nascida sombra, al cielo encaminaba de vanos obeliscos
Punta altiva
Escala pretendiendo las Estrellas (1-1-4) Primero Sueño.

Sóror Juana era a maior expressão do Barroco hispano-americano, destacou-se dos outros porque como escritora, escreveu para o público de seu tempo, mas como autora foi mais além porque se apropria da palavra e cria uma linguagem que provoca, incita o leitor a desvendar seus segredos. Era a vitória sobre as necessidades da vida na família que possibilitava galgar o espaço público, lugar por excelência da liberdade e dos homens. Assim, sóror Juana viveu fazendo uso da língua e de todas as estratégias a seu alcance para escrever o mundo real em que vivia e usou a poesia para denunciar e criticar a sociedade machista da época, quando escreve, por exemplo:

Hombres necios que acusáis
a la mujer sin razón,
sin ver que sois la ocasión
de lo mismo que culpáis:
si con ansia sin igual
solicitáis su desdén,
¿por qué queréis que obren bien
si las incitáis al mal?

Na *Respuesta a sor Filotéa de la Cruz*, há no discurso de sóror Juana um trecho no qual ela desabafa que tudo que escrevia era por imposição de outros e que sua alma, seu “eu” sem máscaras está em seu poema *El sueño*, como ela mesma esclarece: “Demás, que yo nunca he escrito cosa alguna por mi voluntad sino por ruegos y preceptos ajenos, de tal manera, que no me acuerdo de Haber escrito por mi gusto sino es un papellito que llaman *El Sueño*”. O papelzinho a que ela se refere é um poema de 975 versos, espalhados em 41 estrofes. Mesmo vivendo em um ambiente onde as monjas eram incentivadas a autoflagelar-se, mortificar-se, ela seguiu seu sonho e alcançou o topo da pirâmide, mas vivia sobressaltada, por conta da vigilância, a inveja de muitos, os murmúrios e olhares inquisitoriais em tudo o que fazia.

A vida nos conventos era complicada para aquelas pessoas que não estavam preparadas, porque o tédio e o ócio tornavam-no um território propício aos delírios, desgostos e horror por si mesmo e por suas irmãs, por isso é necessário entender que nem todos os conventos eram muito rigorosos com as postulantes. Os conventos, na maioria das vezes eram um ninho de fofocas, intrigas e conjurações e o amor pelo poder levava muitas monjas a formar grupos e bandos. Sóror Juana era vaidosa de seu conhecimento e sua intelectualidade, sentia necessidade de trocar ideias com os intelectuais da época, fato que a levou a organizar muitos encontros literários para os quais preparava chocolate quente, chás e biscoitos especiais e que na época eram conhecidos como tertúlias. Um dos grandes amigos de sóror Juana e freqüentador de suas tertúlias, Castorena (apud PAZ, 1992: 182) afirma:

Más felices (que sus lectores) fuimos los que merecimos ser sus oyentes: ya silogizando consecuencias, argüía escolásticamente en las más difíciles disputas; ya sobre diversos sermones, adelantando con mayor delicadez los discursos; ya componiendo versos de repente en distintos idiomas y metros, nos admiraba a todos y se granjeaba la aclamación del más rígido de los cortesanos...

Embora fosse reconhecida por muitos como intelectual, ela jamais seria conhecida no México e na Europa se suas obras não tivessem sido publicadas. Façamos então um pequeno passeio por sua trajetória intelectual e produção escrita.

Em 1689 se dá a publicação de seu primeiro livro: *Inundación Castálida*, impresso em Madrid pela Vice-rainha Condessa de Paredes (Filis, ou Lisis), que era

uma mulher culta, cujo intercâmbio intelectual entre ela e s^oror Juana foi intenso. S^oror Juana estava convencida de que ter o dom^onio do conhecimento era a liberdade, tanto que todas as suas escolhas na vida eram a busca pelo conhecimento. Ali^{as}, toda a sua vida foi realizada em fun^ço de sua busca por ele. S^oror Juana conheceu a fama em vida e uma das provas \acute{e} a publica^ço de parte de sua obra pela condessa de Paredes. Nesse sentido, Lled^o (2008: 29) afirma: “Si se tiene en cuenta que autores como Garcilaso, Fray Luis, San Juan de la Cruz o Quevedo, entre otros, no vieron publicadas sus composiciones en vida, se comprender^á que dicha publicaci^on no era cosa nada frecuente.”

Contudo, a situa^ço id^olica na qual vivia s^oror Juana In^es, podendo, como dissemos acima, conciliar os afetos mundanos, a vida no claustro e seus estudos e produ^ço intelectual, come^çaram a tornar-se incompat^oveis, dando in^ocio a sua derrocada, que se deu com a chegada dos novos sucessores dos marqueses de La Laguna ao governo da Nova Espanha em 1688 e que perdurou at^e 1696. Segundo Bux^o (2006: 37) os novos vice-reis:

eran personas poco interesadas en esa cultura \acute{a} ulica de gran refinamiento intelectual en la que Sor Juana hab^o seguido participando desde el locutorio de San Jer^onimo. Pero tambi^en los tiempos eran otros y Sor Juana har^á pat^eticos esfuerzos para conquistar el favor de la nueva virreina y, con ello, el amparo de la corte, que nunca recuper^o.

O ano de 1692 foi um per^odo terr^ovel para Nova Espanha. Neste per^odo, intensifica-se a autoridade de Aguiar e Seixas, que promove a interdi^ço de obras teatrais, imp^oe regras mais estreitas aos conventos (em especial o de Santa Paula), pro^obe visitas aos locut^orios, bem como a suspens^o das tert^ulias liter^árias que ali se realizavam e toma outras medidas repressivas similares a estas. Em 1691 ocorre um eclipse do Sol, seguido por algumas cat^ástrofes: uma seca sem precedentes assola a col^onia, uma praga destr^oi a colheita do milho e uma grande fome se alastra por Nova Espanha, o que viabiliza neste per^odo, muitas rebeli^oes at^oçadas pelos *criollos* insatisfeitos com sua condi^ço de subalternidade al \acute{e} m do surgimento de doen^ças graves e peste, na qual os \acute{i} ndios e os *criollos* foram os mais penalizados. Essas situa^çoes, segundo nos explica Bux^o (2006, p.37): “Generaron un clima de tensi^on social que alcanz^o uno de sus episodios m^ás dram^áticos en el alboroto y mot^on de los \acute{i} ndios – quiz^á azuzados por los descontentados *criollos* – y culmin^o com el incendio del palacio virreinal y represi^on de la plebe.” Nos \acute{u} ltimos dias do ano de 1690, havia sido publicada a *Carta Atenag^orica*, conhecida como:

Crisis al serm^on de Vieyra, con su secuela de censura por haberse atrevido una monja no s^olo a impugnar a un var^on tan eminente, sino el atrevimiento de postular que la mejor “*fineza*’ muestra del amor de Cristo a los hombres por quienes se sacrific^o es

no hacerles ningún beneficio, y quizá también, e en no menor medida, los resonantes éxitos alcanzados en España por las obras de Sor Juana, contribuyeron a que en México las autoridades eclesiásticas – recelosas de la fama alcanzada por la monja y de su tenaz empeño en proseguir el estudio de las letras humanas – se decidieron a poner término a esas irregulares actividades mundanas e a esos modos demasiado libres de pensamiento. (BUXÓ, 2006: 37-38)

Um fato comprovável no discurso de sórora Juana, ao ler a *Resposta a Sor Filotea de La Cruz*, é seu posicionamento como ardente feminista, já nesta época, o que comprova a desobediência da monja e o atrevimento de seu gênero ao criticar um gênio como o autor do Sermão do Mandato, conforme explica sórora Juana (apud Paz, 1992: 513) “no es ligero castigo, quien creyó que no había hombre que se atreviese a responderle, ver que se atreve una mujer ignorante, en quien es tan ajeno este género de estudio, y tan distante de su sexo; pero también lo era Judit el manejo de las armas y de Débora la judicatura”.

A capacidade administrativa de sórora Juana e seu tino para negócios financeiros era inigualável, como ilustramos com este trecho retirado da *Defesa del Sermón del Mandato* del Padre Antônio Vieira, publicado em 1691, logo após a publicação da *Carta Atenagórica* pelo padre Pedro Muñoz de Castro (In ALATORRE, 2007: 57) “Perecían de hambre las monjas de su convento; eran cortísimas sus rentas; no les alcanzaban al sustento. Danle ofício de contadora y, con su viveza y maña, a costa de muchísimos trabajos tiene hoy adelantadas las rentas, y corrientes”.

A publicação da *Carta Atenagórica* marcou o início de sua decadência e reconhecimento como poetisa, intelectual, mulher atuante e seu direito de expressar-se livremente. Dois anos mais tarde de sua publicação, mais precisamente em 1693, sórora Juana teve de submeter-se a seu confessor e às determinações de Aguiar e Seixas, que a fez desfazer-se de sua biblioteca, dinheiro que possuía e teve de passar por um doloroso processo de confissões, mortificações, suplícios, jejuns, que debilitaram sua saúde e quando a peste chegou ao Convento de São Jerônimo, ao ajudar às suas irmãs enfermas, contraiu a peste. Morreu no dia 17 de abril de 1695. Para Campoamor, (1983: 07) o horóscopo póstumo de sórora Juana poderia ter sido:

Morirás como nasciste, en celda; tu norte y guía serán los libros; y en libro y celda irán a fundirse, en primaveral armonía, tu mente y corazón, como lo hacen el río de fuego y el río de nieve que desgranán los dos montes, en cuya llanura viste la luz” [...] La celda, el libro y el valle en que se hermanan dos corrientes de oro y plata, marcan las rutas porque discurrió su bien definida personalidad.

Em resumo, sórora Juana abriu suas próprias portas, se deu voz e defendeu seu gênero, mas pagou um preço muito alto, foi silenciada pelo mundo masculino no qual

insistiu em entrar, transgressora, uma mulher além de sua época, se deu voz, lançou mão da poesia e da prosa através de suas duas cartas para fazer política, e pagou com a própria vida sua transgressão.

Referências

ALATORRE, A. (2007). *Sor Juana a través de los siglos (1668-1852)* Tomo I. EL COLEGIO DE MÉXICO. UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE MÉXICO, México.

_____. (2007). *Sor Juana a través de los siglos (1853-1910)* Tomo II. EL COLEGIO DE MÉXICO. UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE MÉXICO, México.

BUTLER, Judith P. (2007). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução: Renato Aguiar – 10ª ed, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

BUXÓ, J. P. (2007). *Sor Juana Iné de La Cruz: lectura barroca de la poesía*. España, Editorial Renacimiento.

CAMPOAMOR, C. (1983). *Sor Juana Inés De La Cruz*, Madrid, Júcar.

CRUZ, S. J. I. de. (2000). *Respuesta a Sor Filotea de la Cruz*. Prólogo: Grupo Feminista de Cultura. México, Distribuciones Fontanamara, Novena edición.

PAZ, O. (2002). *Sor Juana Ines de La Cruz o las Trampas de la Fe*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.